

SOBRE O CONCEITO DE ESPAÇO VIVENCIADO: REFLETINDO AS ESPACIALIDADES A PARTIR DAS EXPERIÊNCIAS EMOCIONAIS¹

On the concept of vivid space: reflecting the spatialities from emotional experiences

Marcia Alves Soares da Silva²
Sylvio Fausto Gil Filho³

RESUMO

As experiências emocionais possibilitam a construção de diferentes espacialidades que conformam o espaço de ação enquanto espaço vivenciado. Essas espacialidades, em nossa reflexão, fazem parte do mundo simbólico, mediado pelas formas simbólicas, com base na liberdade do espírito em conformar suas experiências. A intenção deste artigo versa sobre o estabelecimento de uma alternativa epistemológica – espaço vivenciado –, frente ao conceito de espaço vivido que inspirou a Geografia Humanista. Entendemos a experiência espacial não pela condição da finitude humana, mas pela transcendência do sentido próprio da liberdade espiritual humana, contribuindo para outros olhares sobre as categorias espaciais na geografia cultural e geografia humanista.

Palavras-chave: Filosofia das formas simbólicas. Geografia das emoções. Espacialidades emocionais. Espaço vivido. Geografia humanista.

ABSTRACT

Emotional experiences enable the construction of different spatialities that shape the space of action as a vivid space. These spatialities, in our analysis, belong to the symbolic world, which is mediated by symbolic forms based on the freedom of the spirit of shaping its experiences. In this paper, we aim at setting an epistemological alternative – the vivid space –, which is related to the concept of lived space that has inspired Humanistic Geography. We understand the spatial experience not from the condition of human finitude, but from the transcendence of the sense of spiritual freedom of humans, contributing to other views on spatial categories from the cultural geography and the humanistic geography.

Keywords: Philosophy of symbolic forms. Geography of emotions. Emotional spatialities. Lived space. Humanistic geography.

- 1 A reflexão é fruto da tese de doutorado intitulada "O eu, o outro e o(s) nós: Geografia das Emoções à luz da filosofia das formas simbólicas de Ernst Cassirer (1874-1945) e das narrativas de pioneiros da Igreja Messiânica Mundial", defendida no Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFPR, produzida pela Profa. Dra. Marcia Alves Soares da Silva (2019), sob orientação do Prof. Dr. Sylvio Fausto Gil Filho. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.
- 2 Professora Adjunta do Departamento de Geografia da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Campus Cuiabá. marciaalvesgeo@gmail.com.
✉ Av. Fernando Correa da Costa, 2.367, Bairro Boa Esperança, Cuiabá, MT. 78060-900.
- 3 Professor Titular do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Paraná (UFPR). faustogilfilho@gmail.com.
✉ Av. Cel. Francisco H. dos Santos, 100, sala 302, Centro Politécnico, Jardim das Américas, Curitiba, PR. 82590-300.

INTRODUÇÃO

As emoções são como potências do agir e da conformação do mundo da cultura. A existência e a dinâmica das relações são permeadas e preenchidas pelas emoções. Conformamos o cotidiano como um mundo simbólico, um mundo significativo, porque são as experiências e vivências que o consolidam.

A discussão sobre as emoções tem sido objeto de estudo de diferentes áreas do conhecimento, sendo analisadas a partir de uma visão biológica, psicológica, social, cultural e comportamental. As questões emocionais são debatidas desde o nível do corpo propriamente dito – envolvendo processos fisiológicos e biológicos –, até o nível do social e cultural – envolvendo questões cognitivas e do comportamento. Quando comparada à determinadas áreas do conhecimento, cujo debate sobre as emoções já está mais consolidado, a contribuição da Geografia ainda é tímida e inicial.

As emoções são evidenciadas em determinados momentos e lugares, ainda mais quando as vivências espaciais tomam sentido a partir da dor, tristeza, raiva, amor, frustração, felicidade, decepção, compaixão e outras emoções.

O sentido e significado desses lugares constituem as espacialidades das experiências emocionais nas relações intersubjetivas. O eu, o outro e os lugares constroem o “nós”. Assim, mostra-se relevante compreender como as emoções participam da mediação conformadora do espaço e, portanto, gera determinadas espacialidades, de sentido e significado na expressividade emocional.

Nas experiências de vida, há lugares significativos em que as emoções ficam mais evidentes, seja pela relação mantida cotidianamente – os espaços da vida –, mas também nas vivências momentâneas com e nos lugares, que por um motivo ou outro, marcam a experiência *per si*.

As relações espaciais estão imbricadas por um conteúdo emocional, assim sendo, este artigo se propõe a pensar as emoções através de uma interpretação espacial, contribuindo e instigando o debate sobre a Geografia das Emoções.

A Geografia das Emoções é uma recente área da Geografia Humana, com especial contribuição de reflexões em língua inglesa, espanhola, francesa e italiana, que busca compreender a relação emocional que tecemos com os lugares, destacando os processos de diferenciação espacial que as emoções produzem. A partir de uma proposta interdisciplinar e transversal, busca problematizar as diferentes emoções que constituem espacialidades emocionais específicas, articulando com distintas propostas metodológicas, como a autofotografia, geoetnografia, hermenêuticas cartográficas, entrevistas em profundidade, entre outras⁴.

Portanto, pensamos uma geografia do espaço de ação a partir do agir emocional, através da tríade sujeito, emoção e vivência. Assim, esta reflexão busca um diálogo amplo sobre o tema das emoções contribuindo na proposição do conceito de **espaço vivenciado**.

Nesse intento, no primeiro momento, refere-se à apreciação analítica sobre o conceito de **espaço vivido**, com importante contribuição da geografia francesa e anglófona. Em seguida, tecemos um diálogo com Bollnow (2008), que sob uma perspectiva filosófica, disserta sobre o conceito de **espaço vivenciado**. O teórico explica que utiliza o termo “vivenciado” em vez de “vivido” porque acredita que o espaço não é somente algo de caráter espiritual, imaginado ou concebido, sendo

⁴ A discussão sobre a Geografia das Emoções ainda é incipiente na Geografia brasileira, ao menos, na utilização desse termo. Sugerimos, para aprofundamento do debate, consultar os trabalhos de Silva: “Um olhar sensível sobre o espaço geográfico: contribuições da geografia das emoções” (SILVA, 2019); “Sobre emoções e lugares: contribuições da Geografia das Emoções para um debate interdisciplinar” (SILVA, 2018); “Por uma Geografia das Emoções” (SILVA, 2016).

carregado de significado, portanto, idealizado pelo sujeito e pelo seu sentimento espacial.⁵

Por fim, é problematizada a relação das emoções e do **espaço vivenciado** a partir da filosofia das formas simbólicas de Ernst Cassirer. O filósofo tem interesse central no sujeito simbólico, cujas emoções são intrínsecas à sua existência, o que justifica a aproximação com sua teoria da cultura. A contribuição cassireriana fornece subsídios para (re)pensar a epistemologia da Geografia à luz do debate sobre as formas simbólicas como conformadoras de espacialidades.

Os espaços vivenciados são conformações de expressões, representações e significações ensejados também por potências emocionais. Nesse contexto, são constituídas singularidades espaciais de conteúdo emocional. Destacar as emoções permite pautar outras maneiras de compreender a realidade, pois são modalidades de conexão com o mundo compartilhado no espaço de ação dos sujeitos.

AS APROPRIAÇÕES DO ESPAÇO VIVIDO NA GEOGRAFIA

A Geografia Humanista apresenta matizes diversificadas de apropriação do conceito de espaço vivido. O espaço vivido vem da discussão francófona, que insere a noção de *espace vécu* para compreender as experiências das pessoas com os lugares, isto é, é o próprio espaço da existência.

⁵ A tradução para o inglês de espaço vivenciado para *vivid space* visa manter uma distinção possível em português de espaço vivenciado e espaço vivido ou experienciado. Pensando o trabalho de Bollnow (2008), no caso do alemão, a tradução de espaço vivido é *Wohnraum*. De espaço vivenciado fica *Erfahrene Raum*. O autor usa os dois termos no texto "*Der Mensch und der Raum*". Fazendo uma tradução informal, podemos entender que o espaço vivenciado está ligado à noção de "convivência". Interpretamos isso como um espaço "compartilhado". O espaço vivido pode estar ligado a uma noção mais individual. Talvez por isso ele tenha adotado a ideia do vivenciado, para entender a questão intersubjetiva.

De acordo com Holzer (2016), a escola do espaço vivido francesa tem influência da escola norte-americana. O surgimento da ideia de espaço vivido se dá no final de década de 1960, em especial, com a Revolução de 1968 e com diferentes questionamentos na década seguinte. O autor cita os trabalhos de Jean Gallais sobre o espaço vivido tropical e suas três conceituações de distâncias subjetivas (estruturais, afetivas e ecológicas), em que a distância afetiva está relacionada à carga emocional da relação com o lugar, e de Armand Frémont sobre o estudo do espaço vivido (pessoas e lugares) das relações abstratas e construções conceituais criadas para analisar esses objetos (distância e espaço).

O espaço vivido é uma experiência contínua, egocêntrica e social, um espaço de movimento e um espaço-tempo vivido, uma categoria que não reduz ao espaço cartesiano ou euclidiano, mas se refere ao afetivo, ao mágico, ao imaginário. Provavelmente, esse foi o motivo que levou o autor a procurar também na literatura a ligação entre os homens e os lugares (HOLZER, 2016, p. 319).

Em 1973, há o encontro de Gallais, Frémont, Bertrand e Metton num seminário intitulado "*espace vécu*". Críticos argumentam em torno da precariedade dos métodos utilizados na investigação do espaço vivido. Nesse momento, a discussão ganha apoio governamental e no ano seguinte, há a divulgação intensa dos autores na mídia especializada, no periódico "*L'espace géographique*" (HOLZER, 2016).

Frémont (1980) tem um papel importante na discussão sobre o conceito. Sua análise sobre o conceito de região vai ser refletida enquanto espaço vivido, logo em íntima relação com a questão da percepção das pessoas e suas experiências. Tal visão seria muito mais pertinente do que todas aquelas que consideravam a região como um mero "objeto".

Sobre o conceito de espaço vivenciado: refletindo as espacialidades a partir das experiências emocionais
 Marcia Alves Soares da Silva e Sylvio Fausto Gil Filho

No espectro anglófono, entre os geógrafos humanistas, o conceito de espaço vivido ganha uma refração fenomenológica própria. Segundo Relph (1979, p. 8):

De uma perspectiva fenomenológica, os espaços não são vazios abandonados aos quais se atribuem, por vezes, qualidades e significados, mas são os contextos necessários e significantes de todas as nossas ações e proezas. Então, o espaço não é euclidiano ou alguma outra superfície ou forma geométrica, na qual nos movimentamos e que percebemos como sendo separada de nós. 'Nós não somente apreendemos espaço [...] através de nossos sentidos' argumenta Georges Matoré (1962, p. 22-23), 'mas vivemos nele, nele projetamos nossa personalidade e a ele somos ligados por limites emocionais. Espaço não é exatamente perceptual, sensorial ou representacional: ele é vivido'.

Sob esta ótica, podemos inferir que o espaço vivido não pode somente ser pensado como o mundo pré-determinado ou natural de coisas e formas vazias, mas sim, um mundo vivido, um espaço da intersubjetividade. Esse espaço da intersubjetividade é constantemente negligenciado pelas abordagens das geografias sistêmicas-funcionais ou mesmo estruturais-marxianas.

Esse universo do cotidiano, de pessoas, espaços, instrumentos, edifícios, ruas, paisagens e obras de arte é olvidado – embora a vida diária nele acontece, que, por sua vez, está pleno de significados. Esse espaço vivido é

[...] aquele mundo de ambiguidades, comprometimentos e significados no qual estamos inextricavelmente envolvidos em nossas vidas diárias, mas o qual tomamos por muito certo. É um mundo em acentuado contraste com o universo da ciência, com seus padrões e relações cuidadosamente observados e ordenados, e no qual uma rua é um pouco mais do que um espaço vazio entre duas linhas num mapa (RELPH, 1979, p. 3).

Assim, o espaço vivido é o que está oculto no banal, porque seus significados não são óbvios e não se apresentam por si mesmos. Para Relph (1979, p. 16)

Conhecemos o mundo pré-conscientemente através e a partir dos lugares nos quais vivemos e temos vivido, lugares que clamam nossas afeições e obrigações. [...] lugares são existenciais e uma fonte de autoconhecimento e de responsabilidade social.

Na visão do autor, o espaço geográfico possui uma singularidade de formas, superfícies e cores, ao mesmo tempo em que há similaridades na aparência e no contexto. Acredita, ainda, que todos estão envolvidos nesse mundo cultural através dos sentidos e movimentos e através da linguagem e dos símbolos, em que "[...] o encaramos tanto individual e intersubjetivamente, o encontramos espacial e temporariamente, desapaixonada e emocionalmente" (RELPH, 1979, p. 6-7).

Para Relph (1979), as muitas maneiras como nos relacionamos com o espaço não podem ser compreendidas somente a partir da observação e da medição, mas devem ser vividas em experiências: que vão constituir a **geograficidade**⁶.

Desta maneira, o espaço tem dimensões corpóreas de acima e abaixo, em frente e atrás, dentro e fora do trecho de influência, ao alcance e fora da visão ou audição. Essas estruturas perceptuais imediatamente possuem significado porque estão associadas com contextos cultural ou individual mais amplos, de modo que as dimensões de segurança, escape e transcendência estão acima e em frente, enquanto aquelas de perigo, purgatório e aprisionamento estão abaixo e atrás (RELPH, 1979, p. 9).

O conceito de geograficidade é problematizado inicialmente por Eric Dardel. Para Dardel (2015), a geograficidade está intimamente

⁶ Relph (1976) em "*Place and Placelessness*" cita a obra de Dardel e o seu conceito de geograficidade, o que sugere que a obra do geógrafo francês era de conhecimento de Relph e pode ter influenciado nas suas discussões sobre o conceito de lugar.

Sobre o conceito de espaço vivenciado: refletindo as espacialidades a partir das experiências emocionais
 Marcia Alves Soares da Silva e Sylvio Fausto Gil Filho

relacionada com a ideia de espaço vivido e do ser-e-estar-no-mundo, o que permite compreender fenomenologicamente a experiência geográfica. Em Dardel (2015)⁷ a experiência geográfica permite a cada um dar a sua realidade algo inerente à experiência humana e é isto que deve interessar ao geógrafo e não somente o espaço abstrato do geômetra.

Ainda na visão **dardeliana**, a situação do ser humano supõe um espaço em que ele se move, que realiza trocas, relações, que se direciona, cria distâncias, que de algum modo fixam o “**lugar**” de sua existência. Por isso, é um mundo existencial, o lugar das ações no mundo vivido e das relações teóricas, práticas, afetivas e simbólicas.

Essa geograficidade do ser humano como “modo de sua existência e seu destino” (DARDEL, 2015, p. 1-2) oferece à Geografia uma análise do espaço a partir da imaginação e da sensibilidade. Tal análise qualifica a espacialização cotidiana e autoriza uma fenomenologia do espaço, visto como “um espaço que se dá e que responde, espaço generoso e vivo aberto diante de nós” (DARDEL, 2015, p. 26).

A interpretação de Dardel nos dá subsídios para (re)pensar a geograficidade em aproximação com o conceito de **espaço vivenciado** a partir da contribuição de Otto Bollnow, cuja aproximação com a filosofia de Ernst Cassirer mostra-se presente em sua obra. Em nossa releitura, tomamos a direção de um espaço de ação galvanizado pelas

emoções onde as refrações das formas simbólicas são geradoras de espacialidades qualificadas no movimento do expressivo ao representativo e ao significativo. São modos em que a energia do espírito humano se projeta no mundo da vida.

Bollnow (1961) trilha a mesma perspectiva que os autores citados anteriormente quando pensa o espaço vivenciado a partir do nível da experiência. A questão temporal da existência humana ocupa um importante papel na discussão da Filosofia no início do século XX, em contraposição à constituição espacial da vida humana, o espaço concreto, vivenciado, que ficou para “escanteio”, porque aparentemente pertencia apenas à vida externa do ser humano. Bollnow (2008), que é posterior à Cassirer, cita a filosofia cassireriana ao afirmar que o filósofo se ocupou das concepções de espaço e tempo para poder desenvolver sua filosofia das formas simbólicas.

Desde então, do lado filosófico, é provável ter sido somente Lassen a enfatizar o significado da espacialidade para a estrutura da existência humana, em oposição àquela primazia da temporalidade defendida por Heidegger. Ele próprio tem origem em Cassirer, no âmbito de sua formulação mais especial do problema, aquele de uma fenomenologia da contemplação. Entretanto, também seu trabalho parece ter encontrado pouco reconhecimento (BOLLNOW, 2008, p. 13).

Nesse sentido, a aproximação com a abordagem de Bollnow (2008) para pensar a espacialidade da vida humana é submetida a uma digressão específica que é apenas sugerida na obra do autor. Visto que há uma convergência relativa a certas bases de Heidegger como a noção do habitar como parte preponderante da relação entre o ser e o espaço.

Em uma interpretação específica do argumento de Heidegger (2012, p. 321) na obra “Ser e o Tempo” em que

⁷ Para Marandola Jr. (2015), Dardel em sua obra “O homem e a terra” foi o que melhor desenvolveu uma ideia de geografia fenomenológica. No prefácio da obra traduzida para o português em 2011, Marandola Jr. (2015, p. XIII, destaques no original) afirma que “O que o leitor possui em mãos é o mais bem acabado ensaio para uma geografia fenomenológica. O pioneirismo quase visionário de Dardel ainda não foi superado em uma tão bem composta reflexão da natureza da relação da Geografia com a Fenomenologia, fundando, em última análise, uma outra forma de se entender a ciência geográfica. Esta é uma Geografia pensada de forma essencial, que busca sua compreensão não pelo caminho da ciência clássica, mas por uma ciência compreensiva e filosófica, que desvia da **geometria** em busca da **geografia**. Essa grafia é a própria existência humana em sua relação orgânica com a Terra”.

Sobre o conceito de espaço vivenciado: refletindo as espacialidades a partir das experiências emocionais

Marcia Alves Soares da Silva e Sylvio Fausto Gil Filho

o *Dasein*, como ser-no-mundo, já descobriu cada vez um 'mundo'. Essa descoberta fundada na mundialidade do mundo foi caracterizada como pôr-o-ente-em-liberdade relativamente a uma totalidade-de-conjunção. [...] Há pouco se mostrou que no ser-no-mundo vendo-ao-redor é espacial.

Desse modo o ser-no-mundo é espacial enquanto o que é do ambiente utilizável que vem ao encontro da sua espacialidade originária. Assim, o que foi descoberto enquanto espaço puro da métrica e determinações de lugar escapam nesse momento. O que se evidencia é a descoberta no *Dasein* como fenômeno da "região próxima". Assim o ser no âmbito do utilizável no espaço permanece na esfera do fato do entorno em direção e forma. Nesse viés, o ser-no-mundo é organizar (dar espaço) "é por-em-liberdade o utilizável em relação a sua espacialidade" (HEIDEGGER, 2012, p. 323).

Como o ser-no-mundo, o espaço é descoberto em sua espacialidade imediata. Assim sendo, considera-se que o ser-no-mundo é espacial de modo dado e fundamental. Nesse intento, o sujeito consciente de sua espacialidade descobre o mundo e projeta este ente em sua perspectiva histórica, sendo que o "arrumar" vem da condição de perceber e organizar o entorno e dar espaço para que a vida aconteça. Em sua espacialidade, agora descoberta e arranjada, supera o espaço da métrica e o espaço objetivado.

O ESPAÇO VIVENCIADO: O ESPAÇO DA DINÂMICA DA VIDA

Os espaços de sentido, que se realizam a partir do movimento das formas em conformações expressivas, em representativas e significativas devido à pregnância simbólica, exercem importante papel nos modos de relação com o mundo e tal influência é permeada por distintas emoções.

Os espaços de sentido, neste contexto, é uma derivação conceitual que se aproxima da reflexão no artigo de Möckel (2013, p. 331) em seu artigo intitulado a "Arte e Linguagem como duas Formas Simbólicas nas Obras Póstumas de Ernst Cassirer" considera que:

[...] a percepção, possuindo através do 'seu crescimento fora de si própria' um 'valor de expressão', refere-se a uma totalidade de significado que se representa nela e que é representado por ela. A própria percepção mostra-se como 'formada simbolicamente', embora não seja e não possa ser uma forma simbólica própria. Cassirer caracteriza, [...], o carácter de ser formada simbolicamente da percepção, quer dizer o seu "valor de símbolo", como um fenômeno originário da pregnância (Prägnanz) de significado. O conceito da pregnância significa, neste contexto, 'a unidade da figura (Gestalt), do princípio sintético que penetra qualquer singular'. Deste modo, o singular "não só representa o conjunto", mas "é significativamente o conjunto".

Tornam-se especiais, únicos, significativos, à medida que as relações emocionais são estabelecidas, seja por acontecimentos, pela própria paisagem ou pelo cotidiano. As emoções qualificam espacialidades significativas de forma seletiva para nossas vidas.

As experiências espaciais são permeadas também pelas experiências emocionais. Neste sentido, é possível pensar as emoções como parte das práticas espaciais. Há uma dimensão espacial relevante para as nossas experiências emocionais, que possibilitam as trocas simbólicas num universo da cultura. As espacialidades galvanizadas pelas emoções possibilitam o engajamento e conformação do mundo enquanto totalidade. Infere-se assim que as relações espaciais significativas são também regiões das vivências emocionais.

O espaço vivenciado e suas espacialidades, na presente análise, são interpretados enquanto subjetividades conformadoras da vida, o que inclui pensar a questão emocional. Tais categorias partem da

Sobre o conceito de espaço vivenciado: refletindo as espacialidades a partir das experiências emocionais

Marcia Alves Soares da Silva e Sylvio Fausto Gil Filho

ação do sujeito, das visões de mundo e das experiências relacionais do espaço circundante para serem definidos. O sujeito é aquele que pensa, que ri, que chora, que sente medo, felicidade, alegria, vive o mundo e o significa em sua ação conformadora do mundo da cultura de espacialidades.

É preciso compreender o espaço vivenciado na riqueza de suas definições de conteúdo. É importante dar atenção à relação interior do sujeito com seu espaço, buscando compreender como o espaço integra e preenche de experiências emocionais esse sujeito. Nesse contexto, o espaço vivenciado é constituído de diferentes espacialidades, que é definição essencial do ser simbólico. É a espacialidade do habitar, do ter espaço, do espaço próprio, do corpo, da casa, que são algumas das reflexões analisadas pelo autor e que contribuem para o entendimento da espacialidade da vida humana (BOLLNOW, 2008).

Nesse sentido, o redimensionamento do conceito de espaço vivenciado, problematizado em Bollnow (2008) torna-se estratégico na presente discussão. Para o autor, o espaço vivenciado é o espaço heterogêneo, concreto, onde acontece a vida. O teórico fala sobre um sentimento espacial ligado ao habitar, à casa, às direções espaciais, aos locais preferidos, ao espaço mítico, aos caminhos, apontando o corpo como um referencial para essa reflexão.

A emoção é parte evocativa de um **espaço vivenciado**. Tal conceito inicia na experiência e na percepção humana para compreender o todo como espaço de existência. Cada lugar no espaço vivenciado tem um significado para o ser simbólico. “Assim, o espaço vivenciado representa um todo, cuja articulação tem um sentido, desses locais e posições que, por si, são carregados de significado” (BOLLNOW, 2008, p. 218).

Como o espaço, já de saída, não é homogêneo, cada local tem seu caráter especial, sua “tonalidade”, seu “assento especial” (Cassirer)”. Por esse motivo, os pontos cardeais, em particular,

são qualitativamente distintos, não apenas em termos de direção, mas também de essência (BOLLNOW, 2008, p. 69).

O espaço vivenciado de Bollnow (2008) tem como ponto focal o ser humano. O autor fala sobre um sentimento espacial que surge quando queremos nos encontrar no espaço e com ele relacionar-se: “Trata-se de um certo caráter de humor, que perpassa nossa relação com o espaço e que, como tal, deve ser diferenciado do colorido sentimental da relação para com um objeto individual no espaço” (BOLLNOW, 2008, p. 292).

Na visão bollnowdiana há uma separação do tempo vivido do ser humano e do tempo da matemática; conseqüentemente, deve haver uma separação entre o espaço matemático (caracterizado pela homogeneidade) e o espaço vivenciado (caracterizado pela heterogeneidade). A heterogeneidade do espaço vivenciado refere-se, por exemplo, aos movimentos de chegada e partida, ao plano horizontal e vertical, a um ponto central e a um ponto médio⁸.

Quando na vida diária falamos de espaço sem uma reflexão mais cuidadosa, iremos pensar costumeiramente no espaço matemático, o espaço mensurável em suas três dimensões, em metros e centímetros, assim como o conhecemos na escola e o tomamos por princípio sempre que, na vida prática, tenhamos de fazer uso nas relações espaciais mensuráveis (por exemplo, quando refletimos sobre como decorar uma nova moradia com nossos móveis antigos, talvez demasiadamente grandes). Do contrário, raramente nos damos conta de que este é apenas um aspecto determinado do espaço e que o espaço concreto, vivenciado diretamente na vida, de modo algum coincide com esse espaço abstrato, matemático (BOLLNOW, 2008, p. 14).

⁸ Tal reflexão assemelha-se às discussões realizadas por Yi-Fu Tuan em “Espaço e lugar: a perspectiva da experiência” (TUAN, 2013) quando aponta que pontos de referência reais no espaço, como os referenciais e as posições cardeais, correspondem à intenção e às coordenadas do corpo humano.

Sobre o conceito de espaço vivenciado: refletindo as espacialidades a partir das experiências emocionais
 Marcia Alves Soares da Silva e Sylvio Fausto Gil Filho

O espaço matemático tem como propriedade decisiva a homogeneidade, o que significa que nenhum ponto é diferenciado do outro e tampouco se diferencia uma direção da outra. No espaço vivenciado, por outro lado, há um centro, dado pelo lugar do ser humano que vivencia esse espaço; um eixo de coordenadas relacionadas ao seu corpo, as imediações e locais que se distinguem qualitativamente; transições fluídas, fronteiras bem nítidas e descontinuidades; é um espaço fechado e finito; não é neutro de valores, sendo campo de comportamento da vida humana; trata-se de uma relação (entre ser humano e espaço) (BOLLNOW, 2008).

É sabido que teremos pleno êxito se quisermos abranger matematicamente o espaço ao nosso redor. Podemos mensurá-lo com precisão, expressar distâncias exatas entre pontos individuais em metros e centímetros, e representar tudo isso numa planta ou mapa, de acordo com a escala. [...]
 E, apesar disso, cada usuário de mapa, como é o caso do caminhante nas montanhas, logo experimenta os limites de uma tal representação geográfica do espaço, pois as distâncias experimentadas na vida real ao atravessar o espaço não correspondem à linha aérea que é extraída do mapa, sequer a distância ao longo das ruas, mesmo cuidadosamente mensuradas (BOLLNOW, 2008, p. 205).

O espaço vivenciado abre-se para a vida humana concreta e para a própria existência humana ao mesmo tempo em que facilmente pode ser tomado no sentido subjetivo. Justamente por isso não é neutro nem constante, mas sim preenchido com significados, que mudam de acordo com os diferentes lugares e regiões do espaço e não “são devidos a sentimentos apenas subjetivos que o homem liga ao espaço, mas são caracteres autênticos do próprio espaço vivido” (BOLLNOW, 2008, p. 18).

Nessa perspectiva, há uma espacialidade da existência humana, porque a vida é dotada de uma expressão espacial e o “que ela é, somente o é na referência a um espaço. Dizemos que ela necessita do espaço para nele se desdobrar” (BOLLNOW, 2008, p. 20).

O ser humano não é apenas origem, mas, ao mesmo tempo, centro permanente de seu espaço. Assim, em Bollnow, não é possível descurar-se do espaço nem em pensamento, porque ele faz parte da própria constituição transcendental do ser humano, em alusão à “idealidade transcendental” de espaço kantiano. O espaço torna-se, portanto, a atitude vital do ser humano e não somente uma simples forma da contemplação. Por conseguinte, o espaço matemático resulta desse espaço vivenciado.

Há articulações elementares do espaço trabalhadas por Bollnow (2008) em sua tese sobre o espaço vivenciado, como o “sistema natural de eixos”, o “centro do espaço”, os “pontos cardeais”, o “horizonte” e a “perspectiva”.

O “sistema natural de eixos” diz respeito ao eixo vertical e horizontal, relacionados com a experiência do corpo e que darão o entendimento de frente e atrás, direita e esquerda, acima e abaixo. Se eu me viro, não é o espaço que se vira, mas meu corpo, de modo que o espaço é fixo fora de mim e eu me movimento “no” espaço. Assim, o espaço, o corpo e movimento também ganham uma dimensão temporal, no sentido de poder ir para frente tanto no sentido do movimento do espaço quanto no sentido de um futuro a percorrer. Assim, só se pode compreender a situação mental da existência humana sobre o chão de um esquema espacial.

É justamente isso que vai definir o “centro do espaço”, o marco zero, o próprio corpo e o espaço perceptivo presente. Para o teórico, “o espaço não é dado dependente de um sujeito, mas mesmo que eu me movimente ‘no’ espaço, ele forma um sistema de coordenadas

Sobre o conceito de espaço vivenciado: refletindo as espacialidades a partir das experiências emocionais

Marcia Alves Soares da Silva e Sylvio Fausto Gil Filho

definido, relativo ao sujeito” (BOLLNOW, 2008, p. 60). O partir e o regressar, o ir e o vir, também se relacionam com o centro do espaço e com o ponto de repouso; assim, fazem parte da espacialidade humana.

Com isso, o movimento duplo de partida e regressar ganha um caráter muito mais concreto, que de modo algum se deixa apreender pelo esquema espacial matemático. O partir não é nenhum movimento arbitrário no espaço, pois o homem vai embora para buscar alguma coisa no mundo, para atingir alguma meta. Resumindo, para realizar alguma tarefa. Contudo, quando ele a realizou (ou também quando fracassou), regressa à sua habitação como local de repouso. É o mesmo tempo a mudança profundamente essencial para o homem, que se expressa nesse movimento pendular do partir e do regressar, do qual cada fase tem, por sua vez, seu sabor peculiar e inconfundível (BOLLNOW, 2008, p. 61).

Sobre isso, quando o ser humano deixa o seu local habitado, avança para amplidão do espaço exterior, logo, precisa aprender a orientar-se nesse espaço. Os “pontos cardeais” o ajudam a orientar-se no espaço e não são originariamente iguais em valor; sua diferenciação não é meramente formal, já que ela repousa em significados bem determinados e em um caráter próprio, enraizados tanto na mitologia quanto nos fundamentos da história da religião. O autor vai falar de uma geografia mítica, que será melhor aprofundada posteriormente em articulação com o espaço mítico na teoria de Cassirer.

Na discussão sobre a questão mítica e os pontos cardeais, Bollnow (2008) vai apresentar o conceito de “locais preferidos”. Podemos articular a ideia de locais preferidos com a perspectiva da Geografia das Emoções, visto que tais locais são elegidos de acordo com as experiências das pessoas e também com suas relações emocionais. Sobre isso,

Há ainda outro ponto de vista, do qual o caráter próprio das direções e locais no espaço tem importância para compreensão

do espaço vivenciado. É certo que tenha desaparecido como um todo a visão de mundo mitológica, que os caracteres próprios do espaço tenham perdido sua validade superindividual e ao mesmo tempo objetiva, miticamente fundada. Mas ainda hoje, na vida dos indivíduos, os lugares e as direções têm um caráter próprio inteiramente definido que, contudo, via de regra não depende dos pontos cardeais geográficos. Tão pouco é o espaço, para as pessoas que hoje vivem, de algum modo homogêneo, mas cada lugar nele é portador de significados especiais. Distinguem-se regiões preferidas, outras evitadas. Lembranças do tipo agradável como do tipo desagradável se juntam a cada lugar. E se algumas se destacam com significado tão exaltado, que nelas sintamos um calafrio quase religioso. Isso é sentido em geral de modo difuso, raramente trazido à consciência clara, de modo que em geral escapa de nossa atenção. Recebemos frutíferas pistas das manifestações mais evidentes da compreensão mítica de espaço. Tornamo-nos atentos às relações análogas, apenas ocultas, no espaço vivenciado das pessoas de hoje, não mais miticamente vinculadas. Assim, tais manifestações contribuem diretamente para o estudo de nosso tema (BOLLNOW, 2008, p. 74).

Para o teórico, esses locais preferidos também são responsáveis pelas direções de caminhos e âmbitos da vida, que possuem, em si, um caráter significativo próprio. Contribuem na tomada de decisões sobre os lugares que vamos percorrer de casa para o trabalho, a escola, a praça, a igreja, e outros âmbitos da vida, além de fornecerem um horizonte e uma perspectiva. Tal horizonte relaciona-se à ação, à proteção do espaço, uma fronteira inatingível, que não é alguma coisa do mundo, do espaço, mas pertence de modo inseparável à espacialidade humana.

Assim, cada direção tem um caráter significativo próprio. Encontramos, numa esfera de vida bem definida, nosso ritmo de trabalho e descanso. O espaço, portanto, não é um meio estranho, mas

Sobre o conceito de espaço vivenciado: refletindo as espacialidades a partir das experiências emocionais
 Marcia Alves Soares da Silva e Sylvio Fausto Gil Filho

é onde nos sentimos em casa e, assim, torna-se espaço vivenciado. Sobre isso, mostra-se a sensibilidade de compreender o espaço vivenciado em diferentes escalas, desde a intimidade da casa, até a escala da cidade, por exemplo.

A questão do regresso, da volta à origem, tem um papel fundamental no espaço vivenciado. Sobre ela incide a ideia do caminhar, do movimento. O autor aponta o *Wandern*⁹ como um movimento a pé, sem pressa, sem um objetivo externo, ininterrupto, de um lugar para outro, que podemos associar com a ideia do *flâneur*. É um certo sentimento de liberdade e possui uma relação estreita entre o ser interior e as circunstâncias espaciais do sujeito. Isso indica o quão espacialmente referenciada é a essência do ser humano.

Por outro lado, essa forma de regresso não pode ser compreendida espacialmente. É um regresso dentro da própria pessoa, um regresso às origens do ser e à "razão de todas as coisas". Mesmo que necessariamente com isso ressoem as lembranças da infância, trata-se de um retorno a uma camada mais profunda do ser, onde a pessoa vive ainda "antes" da dominação técnica do mundo e da separação, por esta causada, de sujeito e objeto, ainda "antes" da impregnação racional, ainda "antes" do mundo da profissão e da técnica – em poucas palavras: ainda antes do auto-estranhamento, ainda antes da esclerose e da imobilização. O que o homem experimenta no *Wandern* é um rejuvenescimento de todo o seu ser (BOLLNOW, 2008, p. 128).

Na dinâmica do ir e do vir, o autor discorre sobre a articulação do mundo "lá fora", com toda a sua vastidão, além do centro do espaço

⁹ O autor faz uma relação com o termo *Wandern* como uma das diversas variantes do cômodo caminhar, mais ou menos preguiçoso. Vale apresentar a nota do tradutor nesse momento, que afirma que este verbo alemão, de uso tradicional, significa a caminhada pela natureza, com caráter familiar, desprovida de alguma conotação do que se chama no Brasil, a partir dos anos 1990, um "esporte radical" (Nota do tradutor, BOLLNOW, 2008, p. 119).

vivenciado, no qual está enraizado e de onde todas as relações no espaço são referidas. Para o autor, esse centro, seria a casa.

A casa, como centro do mundo, é território próximo e familiar. Tal relação depende muito mais da questão interna da casa, do que o seu exterior. O que importa é o "sentir-se seguro". A casa possui uma função antropológica na totalidade da vida humana: lugar de repouso, abrigo, paz, relaxar na luta com o mundo exterior; lugar do ser humano tornar a si mesmo. "O sentimento ancestral da vida que a casa transmite ao homem é o de sentir-se bem pela presença de um abrigo" (BOLLNOW, 2008, p. 142).

O teórico admite a casa como "espaço sagrado", com um valor sentimental único, que não se desintegra na racionalização do mundo técnico moderno, mas permanecem nela "certos restos indissolúveis da vida arcaica, que não são mais compreensíveis a partir de um pensamento objetivo, racional. A casa das pessoas é ainda hoje um território santificado" (BOLLNOW, 2008, p. 149). Para ele, a constituição do ser humano manifesta-se no habitar, sendo fundamental, portanto, para a compreensão de sua espacialidade, já que se caracteriza na relação do ser humano para com o espaço.

A importância da casa e do habitar na discussão do teórico é relevante, já que ele analisa minuciosamente os elementos que compõem a casa, do ponto de vista material, mas também a função deles no todo do espaço vivenciado da casa e da habitabilidade, o que faz parte da essência caseira. Esses elementos são, por exemplo, a porta, a janela, a fechadura, a cama, o fogão.

A porta é a ligação com o mundo, de caráter semipermeável e de liberdade (abrir e fechar). A janela possibilita observar, de dentro, o mundo externo. A fechadura é proteção da vida externa e da esfera íntima das pessoas. A cama é como o centro individual e grau mais intenso de abrigo proporcionado pela casa (aqui o autor discorre, ainda, sobre a função do estar deitado, o despertar e o adormecer, e

Sobre o conceito de espaço vivenciado: refletindo as espacialidades a partir das experiências emocionais
 Marcia Alves Soares da Silva e Sylvio Fausto Gil Filho

outras questões que envolvem esse elemento). Por fim, o fogão é visto como sendo um símbolo do centro comum da família em virtude da sua função de alimentação.

Partíramos da observação de que o espaço concretamente vivido pelo homem, à diferença do espaço matemático não-articulado, estrutura-se ao redor de um centro concreto, e que se centro, por sua vez, não é definido como um ponto matemático abstrato, mas forma um espaço específico, uma espécie de núcleo, i.e. um espaço fechado da proteção e da segurança contra a vastidão ameaçadora do mundo exterior. Tínhamos encontrado esse espaço protetor, numa primeira versão, na casa, construída pelo trabalho humano, com seus muros fornecendo proteção, e seu telhado o abrigo, e suas portas e janelas servindo de mediadores do trânsito com o mundo exterior. Mas a casa, com seus recintos diversos com seu sótão e seu porão, é, por sua vez uma formação espacial de razoável abrangência, e em si ricamente estruturada, tanto que se repete a questão se não poderíamos, dentro da casa, estabelecer com ainda maior exatidão o centro do espaço vital (BOLLNOW, 2008, p. 175).

Em Bollnow (2008), o ser humano é o centro do espaço, sendo este espaço um sistema de referência das coisas que andam juntamente quando o ser humano se move. É nessa relação que o espaço se torna um meio, um intermediário entre “objeto” e “forma de visão” na qual o ser humano se encontra, e é somente nesse meio que podemos de modo significativo falar sobre um “encontrar a si mesmo”. “Nesse sentido, espaço e mundo, ser no espaço e ser no mundo podem se aproximar e por vezes vir a assumir o mesmo significado” (BOLLNOW, 2008, p. 292).

Por esse ângulo, é possível pensar as dimensões do ser e do ter na relação com o espaço. Há uma ideia de movimento nessa relação, que constitui diferentes “formas do espaço próprio”. Nesse sentido, há um entrelaçamento inseparável entre ser e ter, porque o ser humano ao

mesmo tempo habita seu espaço e “habita no” espaço. Portanto, é possível pensar três âmbitos do habitar: o espaço do próprio corpo, o espaço da própria casa e o espaço ao redor.

O corpo faz parte da organização do sujeito que vivencia o espaço e ele mesmo é um espaço, portanto, ganha um significado relevante na espacialidade humana, já que é por meio do corpo que somos admitidos no mundo espacial. Bollnow (2008) fala sobre a ideia de “encarnação”, ligada à noção do “eu” encarnado no corpo, no qual há uma ligação indissolúvel com a habitação (no sentido amplo do termo), que contribui para o entendimento geral da espacialidade humana.

A essa noção de encarnação o autor vai falar sobre a casa, que pode ser compreendida como um corpo expandido, que torna-se expressão da essência do ser humano, sua estreita ligação. Essa questão mostra a forma como o espaço nos é abrigo, em que depositamos confiança e podemos nos sentir bem. Na perspectiva de Bollnow (2008, p. 318) “Isso aponta para o fato de que o espaço concretamente vivenciado, no qual vivemos, de modo algum tem o caráter de infinito ou de caverna, que abriga, logo o caráter que nós encontrávamos na cosmovisão mítica e mesmo no espaço dos antigos”.

O teórico afirma que somos nosso espaço. Assim, há modificações da espacialidade no decorrer da vida e é no verdadeiro habitar no espaço que o ser humano realiza sua essência. Ao pensar a relevância do sujeito, aponta as contribuições do filósofo Ernst Cassirer (1874-1945) ao afirmar que o filósofo se ocupou das concepções de espaço e tempo para poder desenvolver sua filosofia das formas simbólicas.

A partir desse quadro em tela, pode-se inferir o papel que a emoção, enquanto indissociável do ser humano, possui do ponto de vista simbólico, entendida como parte da mediação simbólica da relação com o mundo. Nesse ponto retomamos o atalho de uma aproximação maior das referências de Bollnow a Cassirer, e as apropriações no âmbito da Geografia.

AS EMOÇÕES E O ESPAÇO: UMA REFLEXÃO A PARTIR DA CONFORMAÇÃO SIMBÓLICA

A emoção é subjetividade que se expressa na ação, e por ação pressupõe-se um espaço de ação. Portanto, é possível pensar as espacialidades a partir da conformação simbólica.

Ernst Cassirer ao desenvolver sua filosofia das formas simbólicas, especialmente entre 1923 e 1945, no intuito de construir uma filosofia da cultura, parte da liberdade do ser simbólico, de sua subjetividade, para a constituição da objetividade e de uma teia de significados, expressos enquanto espaços significativos.

O espaço vivenciado, conforme discutido, parte da experiência do sujeito, livre que é a de conformar seu mundo a partir de suas vivências espaciais. A discussão cassireriana tomada no pensamento geográfico significa refletir o categorial espacial não somente do ponto de vista restrito da ciência, pois esta não necessariamente apreende a multiplicidade das mediações, mas também para compreender de que maneira se estrutura a realidade do pensamento mítico ao *logos*.

O diálogo com o sistema cassireriano na Geografia pode ser considerado em duas perspectivas: a primeira está centrada na questão de como a filosofia da cultura em Cassirer ajuda no debate do deslocamento teórico-metodológico aberto pela 'virada linguística'; e a segunda questão é como a perspectiva espacial sob a teoria das formas simbólicas pode contribuir para a crítica do categorial espacial utilizado (GIL FILHO, 2010, p. 9).

Para tanto considera-se que "os sentidos simbólicos que as motivações e ações humanas são invariavelmente submetidas sugerem uma primeira hermenêutica geográfica". (GIL FILHO, 2010, p. 2). Todavia, há a necessidade de uma "segunda hermenêutica em

relação à abordagem cultural na geografia que se circunscreve na objetivação da cultura no categorial espacial" (GIL FILHO, 2010, p. 2). Nesse intuito, o diálogo com Cassirer pode contribuir nessa segunda hermenêutica baseado na proposição do ser humano como um ser simbólico, e que as formas simbólicas são formas culturais, portanto também de interesse para a Geografia no contexto da virada cultural.

Na teoria do ser simbólico, que é conseqüentemente a teoria da cultura, Cassirer afirma que a consciência humana é simbólica por natureza e que há formas simbólicas que estruturam o universo simbólico, isto é, conformam a realidade e idealidade, sujeito e objeto, materialidade e forma. A realidade, nesse sentido, é representação e significado.

Cassirer (2011) afirma que as emoções expressas são transformadas em imagens e essas imagens são a interpretação do mundo exterior e interior. Para o filósofo, é o mundo da existência e da realidade vivencial que permite conduzir a realidade em si. Por isso, é preciso "nos deixar guiar pela experiência 'interna', em vez da experiência externa. Jamais encontraremos nas coisas o verdadeiramente simples, o último elemento de toda realidade, mas somente o encontraremos em nossa consciência" (CASSIRER, 2011, p. 45).

O filósofo procura dar conta das emoções que estão presentes na percepção, por exemplo, o pensamento mítico, que é analisado como forma de pensamento, como forma de intuição e como forma de vida. Assim, no mundo mítico há um grande sentimento de unidade da vida que irradia-se por todos os lados (GARCIA, 2017).

Se na teoria de Cassirer as formas simbólicas conformam o mundo, compreendemos que esse mundo é permeado pelas emoções. Assim, as emoções fazem parte dessa conformação do mundo, isto é, fazem parte do mundo da cultura, dando sentido e significado ao ser simbólico.

Sobre o conceito de espaço vivenciado: refletindo as espacialidades a partir das experiências emocionais

Marcia Alves Soares da Silva e Sylvio Fausto Gil Filho

As emoções são, portanto, parte inerente ao ser simbólico e estabelecem uma importante relação entre o eu e o outro. Ao valorizarem a intersubjetividade, que é condição fundamental do mundo da cultura, as emoções revelam que não fazem parte apenas de uma dimensão subjetiva, mas de uma subjetividade que se consubstancia na ação, entendida como objetivação.

Cassirer (2003) afirma que para além da expressão fisiológica ou psicológica das emoções, se as exprimirmos por meio de atos simbólicos, tais atos têm o poder conformador e estão concentrados, intensificados e condensados.

Na linguagem, no mito, na arte e na religião, as nossas emoções não estão simplesmente transformadas em meros atos; estão transformadas em 'obras'. Essas obras não desaparecem. São persistentes e duradouras. Uma reação física pode tão somente dar-nos um rápido e temporário alívio; uma expressão simbólica pode tornar-se num *monumentum aere perennius* (CASSIRER, 2003, p. 67).

O interesse em debater as reflexões de Cassirer sobre as formas simbólicas é, portanto, o de apresentar uma possibilidade de compreender também uma Geografia das Emoções ao nível do simbólico que estrutura o mundo da cultura. Cada forma simbólica possui um papel de sentido e significado nessa estruturação, sendo parte de um universo que é constituído pelo material e imaterial.

O ser simbólico **cassireriano** é constituído pela premissa que a consciência humana é simbólica por natureza e que as formas simbólicas estruturam um universo significativo. Esse universo significativo, do ponto de vista geográfico, pode ser entendido enquanto espaço vivenciado.

Cassirer não constrói uma substancial redefinição da natureza humana, mas de maneira criteriosa, prove uma base

argumentativa que define funcionalmente o ser humano. Desse modo o ser humano não é definido pelo que ele é, mas pelos seus atos. Ou seja, num processo criativo em relação as ações de outros seres humanos na realização do mundo da cultura. A cultura é uma ação progressiva da humanidade expressa em formas duradouras. Cassirer nos lembra que o Ser humano em sua história revela uma luta constante, através do autoconhecimento, para atingir a auto-realização e libertar-se da Injustiça e da ignorância (GIL FILHO, 2016, p. 66).

Nessa organização, o espaço é um fundamento necessário aos diversos sistemas simbólicos e nas relações estabelecidas entre a consciência e a experiência. Ao incorporar a perspectiva de Cassirer na Geografia, é possível pensar num espaço de ação, isto é, não num espaço estático, geométrico, mas um espaço em que a ação do sujeito é fundamental para sua própria compreensão. O filósofo aponta que na crítica da cultura o conteúdo cultural é um ato primordial do espírito, em o que o ser só consegue ser compreendido no fazer, isto é, na ação (CASSIRER, 2001). "O mundo simbólico é a realidade que se efetiva na ação conformativa do ser humano através das formas simbólicas e o mundo em si mesmo. Deste modo o universo simbólico é a manifestação da totalidade da vida humana e a 'espacialização do nosso tempo interior'" (GIL FILHO, 2016, p. 67).

A crítica de Cassirer (2012) sobre a questão espacial gira em torno das definições do espaço geométrico, que para o filósofo abstrai toda a variedade e heterogeneidade visto que aponta o espaço como homogêneo e universal. Em sua perspectiva, o espaço é representação, é o mundo de nossa experiência. Funciona, portanto, como mediação e possibilita organizar e orientar nosso mundo. A discussão de Bollnow, sobre o espaço matemático e o espaço vivenciado aproxima-se dessa tese cassireriana.

Ao incorporar a dimensão simbólica para entender o espaço, Cassirer percebe que a noção de espaço deve ser compreendida

Sobre o conceito de espaço vivenciado: refletindo as espacialidades a partir das experiências emocionais
 Marcia Alves Soares da Silva e Sylvio Fausto Gil Filho

dentro do mundo da cultura (no sentido de totalidade), que é funcional e não físico-estrutural. A questão funcional diz respeito à função conformadora do mundo e como parte fundamental no progresso da objetivação. O processo de espacialização é eminentemente simbólico na medida em que o mundo dos fatos precisa de uma mediação – o que o torna um mundo de símbolos.

Como parte desse processo de espacialização, a emoção também se constitui como um elemento de conformação simbólica. Por exemplo, a expressividade do mundo (como no caso do pensamento mítico) nos coloca a emoção como questão fundamental no que diz respeito ao sentido e ao significado. Portanto, há a conformação do mundo em uma espacialidade específica (nesse caso, uma espacialidade sagrada).

O mundo da vida faz e tem sentido. Vivemos em articulações, conexões e relações de sentido, em que o real é plurifacetado e de múltiplas experiências. Por conseguinte, na perspectiva cassireriana, refletindo a partir do âmbito da Geografia, não há somente um único espaço geográfico, pois existem múltiplas dimensões de significação, mediadas pelas questões simbólicas, que se dão através da nossa percepção e do significado que atribuímos aos objetos/mundo.

Quando Cassirer (2012) nos fala que os ambientes físicos influenciam e deixam sua marca, sendo parte do universo simbólico, percebe-se que uma Geografia das Emoções articula espaço físico e as experiências emocionais quando fatos espaciais podem ser interpretados também como fatos emocionais. Por fim, uma Geografia das Emoções com base cassireriana permite entender as emoções enquanto formas de ação, isto é, como elementos fundamentais e intrínsecos à condição humana que nos permite criar o mundo da cultura – o universo simbólico – em que cada coisa possui um significado.

O espaço vivenciado pode ser refletido em termos simbólicos. Ao colocar a centralidade no sujeito e no mundo da vida, podemos refletir sobre processos de conformação simbólica das experiências

e vivências. Refletir a relação com o espaço geográfico a partir da mediação das formas simbólicas possibilita pensá-lo não como um dado, mas segundo a perspectiva do sujeito que edifica um espaço vivenciado mediada pelas emoções.

Do ponto de vista teórico, aqui apresentamos uma possibilidade de pensar o espaço vivenciado através da mediação das formas simbólicas constituintes do mundo expressivo – a linguagem e o mito. Em Cassirer, o mundo emotivo articula espacialidades, por isso as emoções fazem parte da conformação simbólica do mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A emoção gera espacialidades, entendidas como intrínsecas ao espaço de ação, além de constituir um modo singular da experiência e significação do mundo. A espacialidade expressiva das emoções é parte do categorial espacial em um espaço de ação.

O espaço vivenciado é conformado pelo sujeito. Enquanto sujeito livre, com autonomia de criar diferentes espacialidades, nas quais a matiz emocional mostra-se presente. Tal espaço revela as dimensões mais subjetivas da existência humana que são inefáveis na sua completa compreensão.


As cores, os sons, os sabores, os cheiros, os olhares, compõem as possibilidades do espaço vivenciado a partir das nossas percepções e experiências. Portanto, pensar as emoções é compreendê-las como parte da totalidade da experiência individual e coletiva do ser humano.

Nesse sentido, a contribuição inicial de Bollnow (2008) deriva para a possibilidade de pensar o espaço vivenciado como um espaço de ação do sujeito livre. Nessa perspectiva “o espaço é condicionante do mundo humano como tal, em tese, um espaço de ação. Todavia, este espaço da vida de caráter expressivo torna-se um espaço das representações, um espaço simbólico” (GIL FILHO, 2014, p. 144).

Sobre o conceito de espaço vivenciado: refletindo as espacialidades a partir das experiências emocionais
 Marcia Alves Soares da Silva e Sylvio Fausto Gil Filho

Assim as emoções fazem parte da estruturação do universo simbólico. O espaço de ação “é parte da expressividade do mundo; funciona como o devir da existência prene de um espaço das representações simbólicas onde as formas simbólicas específicas geram suas espacialidades” (GIL FILHO, 2014, p. 137).

Portanto, (re)pensar as categorias espaciais se dá pela contribuição que as emoções, o espaço vivenciado e o sujeito simbólico podem potencializar uma Geografia das Emoções. Colocando o foco no sujeito enquanto conformador do seu espaço de ação, isto é, enquanto espaço vivenciado e suas espacialidades. Essas espacialidades, constituídas na (inter)ação com o mundo dado, mostra-se vital como base de interpretação da empiricidade imediata. A noção de empiricidade em Cassirer está ligada diretamente à noção de práxis da cultura, porque o filósofo não fica só na ideia de uma análise transcendental da cultura, mas entende que a questão simbólica conforma mundo/espacialidades e que a partir do agir espontâneo do ser simbólico, este ser dá sentido e significado ao espaço de ação.

As experiências emocionais são parte do banal, das pequenas coisas. É preciso um olhar atento e sensível para essas experiências. É uma forma de autoconhecimento, de construção de si, de se entender enquanto indivíduo em diálogo com outros. Estar atento às emoções é uma forma de respeitar aquilo que sentimos. Uma Geografia das Emoções com base no espaço vivenciado é desvelar as minúcias das palavras, expressões e gestos animados pela potência emocional que também orienta e organiza o mundo. 

REFERÊNCIAS

BOLLNOW, Otto. **O homem e o espaço**. Curitiba: Editora UFPR, 2008.

BOLLNOW, Otto. Lived-space. **Philosophy Today**, 5, n. 1/4, p. 31-39, 1961.

CASSIRER, Ernst. **A filosofia das formas simbólicas**. Primeira Parte. A linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

CASSIRER, Ernst. **A filosofia das formas simbólicas**. Segunda Parte: o pensamento mítico. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

CASSIRER, Ernst. **A filosofia das formas simbólicas**. Terceira Parte: fenomenologia do conhecimento. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

CASSIRER, Ernst. **Ensaio sobre o homem**. Introdução a uma filosofia da cultura humana. 2 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

DARDEL, Eric. **O homem e a Terra**: Natureza da realidade geográfica. 1 reimpressão. São Paulo: Perspetiva, 2015.

FRÉMONT, Armand. L'espace vécu et la notion de région. **Travaux de l'Institut Géographique de Reims**, n 41-42, p. 47-58, 1980.

GARCIA Rafael. Sentimento de humanidade: Solidariedade e reconhecimento a partir da filosofia da cultura de Ernst Cassirer. In: BRAGA, Joaquim; GARCIA, Rafael (Orgs.) **Antropologia da Individuação**: estudos sobre o pensamento de Ernst Cassirer. Porto Alegre: Editora Fi, 2017. p. 55-84.

GIL FILHO, Sylvio Fausto. Notas para uma geografia das formas simbólicas. In: XVI ENCONTRO NACIONAL DOS GEÓGRAFOS, 2010, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre, 2010, p. 1-11.

GIL FILHO, Sylvio Fausto. Geografia das formas simbólicas em Ernst Cassirer. In: DELOIZY, Francine Barthe; SERPA, Angelo (Orgs). **Visões do Brasil**: estudos culturais em geografia. Salvador: UFBA; Edições L'Harmattan, 2012. p. 47-66.

GIL FILHO, Sylvio Fausto. Conformação simbólica dos espaços da vida e da morte: uma aproximação teórica. **Revista Brasileira de História das Religiões**. ANPUH, Ano VI, v. 06, n. 18, p. 133-144, Janeiro de 2014.

GIL FILHO, Sylvio Fausto. Religião como forma simbólica e a fenomenologia em Ernst Cassirer. In: GIL FILHO, Sylvio Fausto (Org.).

Sobre o conceito de espaço vivenciado: refletindo as espacialidades a partir das experiências emocionais

Marcia Alves Soares da Silva e Sylvio Fausto Gil Filho

Liberdade e Religião: o espaço sagrado no século XXI. Curitiba: CRV, 2016. p. 65-78.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Campinas: Ed. da Unicamp; Petrópolis: Vozes, 2012.

HOLZER, Werther. **Geografia Humanista: Trajetória 1950-1990**. Londrina: EdUEL, 2016.

MÖCKEL, C. Arte e Linguagem como duas Formas Simbólicas nas Obras Póstumas de Ernst Cassirer. **Revista Filosófica de Coimbra**. n. 40, p.325-336, 2011.

RELPH, Edward. As bases fenomenológicas da Geografia. **Geografia**, v. 4, n. 7, p. 1-25, 1979.

SILVA, Marcia Alves Soares da. Por uma geografia das emoções. **GEOgraphia**, v. 18, n. 38, p. 99-119, 2016.

SILVA, Marcia Alves Soares da. Sobre emoções e lugares: contribuições da Geografia das Emoções para um debate interdisciplinar. **RBSE**

Revista Brasileira de Sociologia da Emoção, v. 17, n. 50, p. 69-84, agosto de 2018.

SILVA, Marcia Alves Soares da. Um olhar sensível sobre o espaço geográfico: Contribuições da geografia das emoções. **Revista Geografia em Atos**, v. 5, n. 12, p. 37-59, jul. 2019.

SILVA, Marcia Alves Soares da. **O eu, o outro e o(s) nós:** Geografia das Emoções à luz da Filosofia das Formas Simbólicas de Ernst Cassirer (1874-1945) e das narrativas de pioneiros da Igreja Messiânica Mundial. 2019. 303 f. **Tese** (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar:** a perspectiva da experiência. Trad. Livia de Oliveira. Londrina: EdUEL, 2013.

Submetido em Outubro de 2019.

Revisado em Março de 2020.

Aceito em Março de 2020.